

CAIXA DE FERRAMENTAS: A OPERACIONALIDADE DA PESQUISA EM MICHEL FOUCAULT NA EDUCAÇÃO

Guilherme Henrique Pinheiro¹

Eixo 3 – Políticas educacionais e pesquisa em educação

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir o conceito de caixa de ferramentas no referencial foucaultiano e como tal noção abarca a operacionalização do uso de conceitos chave desse paradigma no campo de pesquisa em educação. A metodologia dos estudos de Michel Foucault se separa em três grandes campos: arqueologia, genealogia e ética; cada um desses campos implica ferramentas específicas e concentrações de interesses e investigações. Pesquisar a partir do referencial foucaultiano é partir dos micros espaços e seguir para espaços maiores, agindo muitas vezes como arqueólogo que escava seu objeto, nesse sentido não há metodologias apriorísticas em neste referencial, sendo tanto seu método, quanto seu objeto revelado na ação da pesquisa. Todavia, quando o pesquisador se lança a seu lócus de pesquisa, é necessário que carregue consigo toda uma gama de ferramentas necessárias para que consiga desvelar contradições, interditos, malhas discursivas e práticas de dispersão de poder. Com base nestas discussões, o campo da pesquisa em educação apresenta-se profícuo a extensão das pesquisas no referencial foucaultiano uma vez que a educação é um fenômeno que se espalha por malhas que vão desde políticas públicas até a microfísica das relações em sala.

Palavras-chave: Arqueologia; Caixa de Ferramentas; Educação.

Introdução

A presente apresentação tem como objetivo trazer à operacionalização de termos foucaultianos. Em especial é preciso delimitar o conceito de Caixa de Ferramentas (Castro, 2009). Tal verbete versa sobre como o pesquisador deste campo faz uso de conceitos como discurso, saber, poder, estudos interseccionais, etc (Prado Filho, 2017) A produção do campo foucaultiano é profícuo, os deslocamentos que permitem o pesquisador desenhar sua investigação em seu próprio caminhar dão tônica das redes de enunciados, formações discursivas e expõem dispositivos e técnicas de controle.

A conceituação foucaultiana é atravessada por domínios principais: saber, poder e ética, o domínio do saber vai falar de como não apenas o conhecimento, mas a forma de se saber as coisas são construídas (Foucault, 1969/2012); o poder, que vai falar de como as coisas são operadas em dispositivos; e a ética, que trata da formação de si. Tais domínios são perpassados por duas categorias indispensáveis: tempo e espaço. O tempo vai ser demarcação histórica, atravessando horizontalmente, modifica-se as relações de poder e formações discursivas vigentes numa época. O espaço vai delimitar a microfísica de dispositivos e práticas (que também são históricas) mas atreladas também culturalmente a um determinado local.

Em especial na pesquisa em Educação, o campo foucaultiano fornece um sem número de ferramentas que permitem a pesquisadores ampliar horizontes de pesquisa, revelando, por meio de pesquisas arqueológicas, genealógicas e arqueogenealógicas,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) - Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Membro do Grupo de Estudos e de Investigação Acadêmica nos Referenciais Foucaultianos (GEAIRF/CNPq), vinculado a linha de Educação, Cultura e Sociedade do PPGEdu/UFMS.

aspectos intrínsecos de onde se propõe a pesquisar. Utilizar as ferramentas corretas em tais investigação é sempre um desafio na pesquisa de referencial foucaultiano, haja vista que é a partir do que tempo e espaço e que o próprio objeto revela ao pesquisador, que determinadas ferramentas de pesquisa serão evocadas de sua caixa.

Saber e Poder: domínios essenciais

O campo de estudos no referencial foucaultiano é marcado por suas descontinuidades, deslocamentos e torções. A própria obra de Michel Foucault é um exemplo disso, em alguns pontos gerais, podendo ser expressos três momentos de Foucault: (1) arqueologia, com as obras Nascimento da Clínica: uma arqueologia do olhar médico, de 1963; As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas, de 1966; e A Arqueologia do Saber, de 1966; (2) genealogia, com destaque para Vigiar e Punir: nascimento da prisão, de 1975 e História da Sexualidade I: o uso dos prazeres, de 1976 e (3) ética: História da Sexualidade II: a vontade de saber e História da Sexualidade III: o cuidado de si (Prado Filho, 2017). Os momentos descritos, ou os Três Foucault, não representam, necessariamente, uma progressão ou evolução do pensamento de Foucault, mas podem ser descritos, de acordo com Prado Filho (2017) como métodos, onde um método, não necessariamente é abandonado em detrimento a outro, mas esses três métodos permitem deslocamento das análises, onde, como aponta Castro (2009), são ferramentas. Esse deslocamento é característico no campo foucaultiano, pois serve para exemplificar as contradições, silenciamentos e permissões que os saberes, discursos e os poderes implicam nas práticas e nos enunciados.

Cada metodologia de pesquisa foucaultiana, seja uma pesquisa arqueológica, genealógica ou sobre ética traz consigo as próprias ferramentas intrínsecas do que será analisado. Por exemplo, numa pesquisa de análise de discurso, as principais ferramentas evocadas, irão de encontro com ferramentas como o arquivo, os enunciados, as formações discursivas e as categorias de ordem do discurso (Castro, 2009). Em outro sentido, quando se propõe a se investigar relações de poder, ferramentas como as estratégias, práticas, dispositivos, objetos e objetivos darão a tônica e serão utilizadas para investigar a microfísica do poder nos espaços onde este se dispersa (Foucault, 1979/2014). Desta forma, para que cada ferramenta seja utilizada corretamente é necessário um trabalho analítico do pesquisador em entender as categorias foucaultianas que pretende analisar; principalmente as noções de saber e poder.

O saber, no campo foucaultiano, distingue-se do conhecimento, como aponta Revel (2005). O conceito de saber trata sobre um conjunto ordenado de enunciados de funções de enunciação que vão regularizar o que pode, e o que não pode ser dito (Foucault, 1969/2012). Segundo Foucault (1969/2012), o saber não é algo dado ou natural. Da mesma forma, com relação ao conhecimento não é naturalmente buscado, como uma verdade intrínseca pelos sujeitos, mas os próprios sujeitos, em busca da verdade, são construídos no tempo e no espaço e o próprio conhecimento e saber são atravessados por relações de poder e usados como forma de dominação (Foucault, 2010). O saber é o próprio objeto da arqueologia (Castro, 2009) e é fruto de lutas, de guerra e do desejo. Todavia, não desse desejo que se demonstra através do discurso, mas pelo desejo próprio ao discurso (Foucault, 1971/2019), e por isso, é atravessado por relações de poder.

O saber só nasce como prática discursiva definida e toda prática discursiva, como discute Revel (2005), pode se definir pelo saber que está formado sob ela. Neste caso, o saber é um conjunto ordenado de enunciados que podem, ou não, fazer parte dos discursos que emergem do saber; dito isso, pode-se compreender como “o conjunto assim formado a partir do sistema de positividade e manifesto na unidade de uma formação discursiva é o que se poderia chamar de um saber.” (FOUCAULT, 2010, p. 723). O saber também,

indo além dos enunciados, são as técnicas utilizadas para conseguir as enunciações necessárias.

O poder é dissolvido como uma ação sobre ações dos outros. Seu funcionamento não privilegia as interdições (Foucault, 1979/2014), mas as incitações (a um determinado comportamento ou ação). Na perspectiva foucaultiana, o poder é exercido, logo ele se exerce de forma assimétrica. Ele é pensado como um feixe de relações, no sentido que ninguém detém esse monopólio todo tempo e não está, necessariamente, concentrado em grandes instituições, como a economia, o Estado, a política, a religião ou a família, mas ele opera nesses espaços. As relações de poder não são negociáveis, o poder não é algo que se escolhe ter, ele é cedido nos espaços (Foucault, 1979/2014). É impossível localizar o poder em uma instituição, ou mesmo, no Estado; o poder não é uma propriedade, mas uma estratégia. E positivo, produz (ao contrário da violência). Todo poder gera saber, não há relação de poder sem a elaboração de um campo de saber (Foucault, 1979/2014). O poder em suas formas de controle e operações apresenta mudança conforme os tempos históricos. Esses deslocamentos da forma na qual o poder se opera variam em estratégias, tecnologias, alvo, objetivo, foco de visibilidade e instrumento (Foucault, 1975/2014). De acordo com Castro (2009), o poder é pensado como um feixe de relações, não sendo detido enquanto monopólio. O poder está nos espaços:

Essas relações de "poder-saber" não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito do conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o saber-poder, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento. (FOUCAULT, 1979/2014, p. 24).

Por fim, o poder é um exercício de forma assimétrica, nunca é uma entidade coerente, unitária. Essas relações de poder operam em condições históricas que se apresentam deslocadas e dissolvidas.

Caixa de Ferramentas: a usabilidade foucaultiana

Foucault (1979/2014) trata de toda sua obra enquanto usabilidade: “todos meus livros, seja História da Loucura podem ser pequenas caixas de ferramentas.” (p. 52); ou seja, a produção, seja de um livro, um artigo, uma dissertação ou uma tese, para além da fecunda produção de Michel Foucault, de toda uma tradição de práticas discursivas de enfrentamento. Foucault (1979/2014) afirma que cada aspecto de sua obra pode ser compreendido como uma ferramenta que teria uma aplicação específica.

Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 1979/2014, p. 52).

De modo mais geral, conforme o campo foucaultiano permite seus deslocamentos e torções uma leitura descompromissada pode acabar levando um leitor desavisado a desconsiderar a rigidez teórica, mas ao mesmo tempo sua flexibilidade. Essa forma

adversa de Michel Foucault construir sua obra, o obriga a salientar do uso de suas ferramentas: “a metáfora da caixa de ferramentas buscava situar seus trabalhos no espaço da liberdade – tanto de si próprio quanto dos atuais e futuros leitores – mas não era, no plano intelectual, um convite à leitura descuidada ou ao emprego frouxo de conceitos e de análises” (ALVARÉZ, 2015, p. 17).

Faz-se necessário que o pesquisador, compreenda por onde se envereda, seja na escola, no campo das políticas públicas, formação de professores etc. para que possa carregar consigo na pesquisa as ferramentas necessárias às suas escavações, suas explorações microscópicas que permitem ajustar seu olhar a microfísica do feixe de relações as quais o poder se dispersa (Foucault, 1979/2014). Uma pesquisa arqueológica, é em última instância uma escavação de objeto, montando parte a parte, aspectos dispersos, que podem não se juntar à primeira vista, mas sua horizontalidade mostra toda uma malha intrincada de saberes que não carregam em si um sentido, mas todo um jogo de verdades que pode não se apresentar, e exige as ferramentas necessárias para que seja trazido à baila (Foucault, 1969/2012).

Considerações Finais

O conceito de caixa de ferramentas na investigação foucaultiana permite justamente a ação do pesquisador como forma de enfrentamento de condições opressivas. Expõe, de forma incendiária, relações de poder que atravessam os sujeitos em condições de adoecedoras. A multiplicidade conceitual e temática em Foucault se estende em áreas que vão desde o direito e suas formas jurídicas até a saúde mental. Justamente por não trazer consigo categorias apriorísticas, o campo foucaultiano é marcado por incongruências e descontinuidades características justamente de seus campos, que são marcados por irregularidades, hierarquias não aparentes e jogos que se dispersam em relações e estratégias de poder.

Referências

ALVARÉZ, M. C. Michel Foucault e a Sociologia: Aproximações e tensões. In: **Estud. Sociol.** v. 20 n. 38. p. 15 – 33, 2015.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos - Vol. I: Problematização do Sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Manoel Barros da Mota (org). 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969/2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 11 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979/2014.
PRADO FILHO, K. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. In: **Revista de Ciências Humanas.** v. 51, n. 2, p. 311 - 327, 2017.
DOI: 10.5007/2178-4582.2017v51n2p311. Acesso em 10 jul. 2022.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.